

## UMA EXPERIÊNCIA, MUITAS TRANSFORMAÇÕES A PARTIR DA ATUAÇÃO COMO COORDENADORA PEDAGÓGICA DO PROGRAMA ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA NO RIO GRANDE DO NORTE

*Ana Eneidi Prince*

Universidade do Vale do Paraíba - Univap/Faculdade de Educação e Artes - Fea, Rua Tertuliano Delphin Júnior, 181, Campus Aquarius, e-mail: prince@univap.br

**Resumo** - Este trabalho tem como objetivo tecer reflexões e considerações relativas à minha experiência - como Coordenadora Pedagógica Setorial -, relacionada à alfabetização de jovens e adultos (parceria estabelecida entre a Universidade do Vale do Paraíba - Univap e o Programa Alfabetização Solidária), nas cidades de Vila Flôr e Canguaretama, ambas no Estado do Rio Grande do Norte. Nessa ocasião, constatei aprendizagens significativas tanto para as pessoas que ensinavam como para as que aprendiam. Nesse contexto, realizava a seleção de professores alfabetizadores nesses municípios, desenvolvia o processo de formação continuada, orientando o processo de ensino e aprendizagem, a fim de se otimizar o uso do material didático e pedagógico fornecido pelo referido Programa.

**Palavras-chave:** Alfabetização, alfabetizadores, alfabetizandos, coordenação, ensino e aprendizagem.

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas (Educação)

### Introdução

Construiu-se o referencial teórico, para a realização deste trabalho, a partir dos pressupostos de Freire (1987) Haidt (1994), e dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997).

Este trabalho tem como objetivo tecer reflexões e considerações relativas à minha experiência relacionada à alfabetização de jovens e adultos, no Programa de Alfabetização Solidária, na parceria estabelecida entre a Universidade do Vale do Paraíba – Univap - e o referido Programa, ocasião em que atuei como Coordenadora Pedagógica Setorial, nas cidades de Vila Flôr e Canguaretama, ambas no Estado do Rio Grande do Norte.

### Metodologia

Esta pesquisa realizou-se, por meio de um trabalho de campo, nos anos de 2004 e 2005, nas cidades de Vila Flôr e de Canguaretama, municípios do Rio Grande do Norte.

Os dados foram coletados por intermédio de registros das observações, em salas de aula de alfabetização de jovens e adultos; e, também, por meio de entrevistas realizadas, mensalmente, com alfabetizadores desses municípios, durante o período de capacitação.

### Resultados

Como coordenadora pedagógica, tive uma função significativa na formação de professores alfabetizadores, por propiciar a educação continuada em serviço, e, dessa forma, possibilitei-lhes espaços para que refletissem

sobre a sua atuação em sala de aula, permitindo-lhes, assim, que atualizassem os seus conhecimentos, por intermédio de constantes estudos e reflexões que aliados à teoria e à prática alfabetizadora, possibilitava-lhes a transposição desses conhecimentos para o cotidiano escolar, e, concomitantemente, para a vida discente.

Atuei nos municípios de Canguaretama e Vila Flôr / RN, nos anos de 2004 e 2005. A cada início de semestre, realizava a seleção de alfabetizadores, em que avaliava as possibilidades e disponibilidades que os candidatos apresentavam para atuarem, proficientemente, no Programa, uma vez que, segundo a filosofia popular “Bom o professor, melhor o aluno”. Uma das questões importantes para o bom desempenho desse segmento de ensino é a formação de professores, no sentido de se desenvolver uma prática pedagógica articulada com as necessidades desses jovens e adultos. Formar o professor é capacitá-lo, em uma área específica, com questões teóricas e metodológicas, articuladas a uma ação escolar na sua totalidade. Nessa perspectiva, a formação do professor toma contornos mais amplos, promove novas exigências.

Práticas relacionadas à educação de jovens e adultos têm evidenciado, para o seu sucesso, a necessidade de uma metodologia que respeite e valorize os saberes já adquiridos pelos educandos ao longo de suas vidas, nos espaços e tempos mais diversos e de maneiras diferenciadas.

O treinamento às pessoas selecionadas era promovido mensalmente - a cada visita aos municípios -, em forma de “oficinas pedagógicas”, nas quais eram trabalhadas, com os alfabetizadores, interdisciplinarmente,

metodologias diversificadas do ensino da língua portuguesa, matemática, noções gerais de geografia, história, ciências e artes e o resgate da cultura regional, por intermédio das lendas e músicas. Nessas ocasiões, produzíamos materiais para serem trabalhados em sala de aula, a partir de sucatas que os alfabetizadores levavam aos treinamentos. Era gratificante visitar as salas de aula, as quais funcionavam no período noturno, e, nesses locais, constatar que os alfabetizadores incrementavam as atividades desenvolvidas nas “oficinas pedagógicas”, para as proporem a seus alunos.

As visitas mensais a essas salas de aulas subsidiaram o redirecionamento do processo de alfabetização e garantiram uma aprendizagem interdisciplinar, proficiente, de forma contextualizada, uma vez que, da coleta de dados, análise e interpretação da realidade discente, realizadas no contexto escolar, eram estabelecidos os objetivos, selecionadas as metodologias e mapeados os conteúdos, para propor aos alunos novos desafios que, aceitos e transpostos, colocavam cada aprendente em uma nova realidade de conhecimentos construídos.

Os textos utilizados em sala de aula pelos alfabetizadores eram significativos e ligados ao cotidiano discente. Textos com os quais o aluno tivesse familiaridade, e que, a partir das idéias neles contidas buscasse as respostas que necessitava para desenvolver as atividades que lhes eram propostas. Acredito que a dificuldade para ler uma palavra se intensifica quando esta se encontra descontextualizada na atividade de análise típica do contexto escolar, pois, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 35):

Se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e a interpretar textos, não é possível tomar como unidade básica de ensino, nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco têm a ver com a competência discursiva, que é a questão central. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto, mas isso não significa que não se enfoquem palavras ou frases nas situações didáticas específicas que o exigem.

Constitui-se função da escola propiciar aos alunos a apropriação da leitura e da escrita para que, dessa forma, ocorra uma transposição para a sua vida social. E, nesse processo de ação-reflexão-redirecionamento-ação, refletindo sobre as práticas dos alfabetizadores, os tropeços e as conquistas discentes, podem-se instalar ações significativas e transformadoras que possibilitem o desenvolvimento do senso crítico, da auto-estima, da autoconfiança e da autonomia, para a construção de cidadãos que possam atuar, de forma democrática, na comunidade em que estão inseridos.

Ensinei e, também, aprendi muito com os alfabetizadores com quem, nessa ocasião, tive contato, e, nesse processo, descobri professores maravilhosos e maravilhados pela arte de ensinar. Docentes com práticas metodológicas para se evitar a evasão discente, pois esta, muitas vezes, poderia comprometer o bom desenvolvimento do Programa, visto que o sucesso deste está, intrinsecamente, ligado à atuação do professor em sala de aula e à frequência do aluno.

Em diálogos estabelecidos com os alfabetizandos, para elevar a sua auto-estima, apresentava-lhes o texto *A canoa*, apontada por Paulo Freire. A partir das idéias contidas nesse texto, esse autor nos aconselha a valorizar, indistintamente, todas as pessoas com as quais tenhamos contato, uma vez que cada uma delas tem algo de diferente para nos ensinar:

Em um largo rio, de difícil travessia, havia um barqueiro que atravessava as pessoas de um lado para o outro. Em uma das viagens iam um advogado e uma professora. Como quem gosta de falar muito, o advogado pergunta ao barqueiro: \_\_\_ Companheiro, você entende de leis? Não. – Responde o barqueiro. E o advogado compadecido: É pena, você perdeu metade da vida! A professora muito social entra na conversa: Seu barqueiro, você sabe ler e escrever? Também não. – Responde o remador. Que pena! – Condói-se a mestra – Você perdeu a metade da vida! Nisso chega uma onda bastante forte e vira o barco. O canoero preocupado, pergunta: Vocês sabem nadar? Não! – Responderam eles rapidamente. Então é uma pena – Concluiu o barqueiro – Vocês perderam toda a vida!

Nesse texto, podemos observar que “não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes”, e, a partir dessa afirmação, dizia aos alfabetizadores e alfabetizandos que o não saber ler e escrever se constitui em apenas um pedacinho da vida, mas que eles possuíam muitos outros conhecimentos os quais serviriam de ponto de partida para se apropriarem da leitura e da escrita, e, quando isso acontecesse, estariam completos.

Nessas ocasiões, percebia que a minha fala elevava muito a auto-estima de todos, e, a partir daí, ouvia depoimentos diferenciados e emocionados, tais como: “na minha idade, quarenta e cinco anos, estou conhecendo um colégio pelo lado de dentro, e o pior, estou aprendendo a ler e escrever”; ou o de um senhor, com setenta e cinco anos de idade, que nasceu com dificuldades auditivas: “A vida inteira pensei que era meio surdo, mas, agora, que estou aprendendo a ler e a escrever, percebi que, durante toda a minha vida, fui muito cego”, ou, ainda, de um senhor cuja filha era alfabetizadora na localidade: “Fiquei sozinho no boteco, enquanto meus amigos estavam aprendendo com minha filha ensinando, e eu estou ficando para trás. Então, aqui estou, e contente por ter vindo

aprender”; ou, ainda, também, “Eu não preciso sujar mais o dedo para assinar o meu nome, agora, sei ler e escrever”.

Esses depoimentos me traziam à lembrança os versos de Bernardes (2005):

Queremos formar sujeito...  
Sujeito de sua glória,  
Sujeito que não se assujeita,  
Sujeito de aberto peito,  
Sujeito de ações refeitas,  
Sujeito de sua própria história.

Segundo Teixeira (1947), democracia é literalmente educação. Educação é a base, o fundamento, a condição primordial para a democracia. A justiça social, por excelência, da democracia consiste nessa conquista da igualdade de oportunidades pela educação. Nascemos desiguais, nascemos ignorantes, e, portanto, nascemos escravos. É a educação que pode mudar. A educação como possibilidade de transformação era o que notávamos nos depoimentos dados pelos alfabetizando, pois esses alunos tinham as suas vidas modificadas para melhor, em virtude de estarem participando do processo de ensino e aprendizagem de um Projeto que lhes possibilitava a aquisição da escrita.

Para Mougnotte (1994), o principal paradoxo da democracia persiste: “ela não existe sem uma educação apropriada do povo para fazê-la funcionar”; ou seja, sem a formação de cidadãos democráticos. E a formação de cidadãos democráticos supõe a preexistência destes como educadores do povo, tanto no Estado quanto na sociedade civil.

A Alfabetização de jovens e adultos se constituiu em um marco em minha vida, tanto como pessoa como profissional da educação, uma vez que essa experiência foi, também, substancial a redimensionamentos de meus paradigmas, em relação a meus projetos relativos à minha práxis pedagógica cotidiana e, principalmente, a meus projetos de vida.

O ato de alfabetizar, a partir dessas experiências, tornou-se, para mim, muito mais significativo, pois, como aponta Bernardes (2005):

Alfabetizar é extrair vergalhão  
Dos que vêm sem muito enxergar,  
É pôr letras na visão,  
É dar voz: re-significar

## Discussão

Minha vida, enquanto profissional da Educação, perpassou da pré-escola aos cursos de pós-graduação, e posso afirmar, com convicção, que trabalhar com alfabetização de jovens e adultos é prazeroso e, acima de tudo, gratificante.

Segundo a Declaração da Cúpula Mundial da Educação, da ONU, em seu Artigo sexto:

A educação enquanto um direito humano fundamental é a chave para um desenvolvimento sustentável, assim como para assegurar a paz e a estabilidade entre países e, portanto, um meio indispensável para alcançar a participação efetiva nas sociedades e economias do século XXI. Não se pode mais postergar esforços para atingir as metas da Educação Para Todos. As necessidades básicas da aprendizagem podem e devem ser alcançadas com urgência.

Constatai isso ao atuar, durante dois anos, no Projeto Alfabetização de Jovens e Adultos, como coordenadora pedagógica setorial nas cidades de Canguaretama e Vila Flôr, localizadas no Estado do Rio Grande do Norte.

Atualmente, a educação de jovens e adultos é meta de projetos que têm como objetivo a alfabetização de pessoas em diversas localidades brasileiras. Esses projetos buscam otimizar as condições para a realização da aprendizagem, em relação à aquisição da linguagem escrita. Para a consecução desse objetivo são somados esforços entre órgãos de diferentes segmentos sociais.

O Projeto Alfabetização Solidária de Jovens e Adultos, conjunção de forças entre a Universidade, o Município e a União, tem realizado ações significativas e proficientes nas localidades em que se propõe atuar. Seus principais objetivos são: reduzir o índice de analfabetismo; alfabetizar jovens e adultos; estimular parcerias e responsabilidades sociais no setor público e na iniciativa privada; e promover a cidadania.

O Ministério da Educação produziu um material didático específico - para a alfabetização de jovens e adultos -, voltado para o ensino da leitura, escrita e aprendizagem matemática -, baseado no Método Paulo Freire.

No final da década de 50, os pressupostos teóricos de Paulo Freire serviram de parâmetro aos principais programas de alfabetização de adultos, segundo os quais os analfabetos eram conhecidos como homens e mulheres produtivos, que possuíam uma cultura e leitura de mundo, uma vez que, segundo esse autor “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Freire também criticou a educação bancária que considerava o analfabeto uma espécie de gaveta vazia, na qual o educador deveria depositar o conhecimento sócio-historicamente produzido pela humanidade; e, para Haidt (1994, p. 130), muitas dessas experiências podem ser relatadas como forma contributiva à expansão da pesquisa científica na Educação de Jovens e Adultos:

Um conteúdo será significativo e interessante para o aluno quando estiver relacionado às experiências por ele vivenciadas. Por isso, o professor deve procurar relacionar, sempre que possível, os novos conhecimentos, a serem adquiridos pelos alunos, com suas experiências e conhecimentos anteriores fazendo

uma ponte para ligar o já conhecido ao conhecido novo e ao desconhecido. É esta ligação do conhecido vivenciado ao desconhecido novo que torna o conteúdo significativo e interessante.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho se constitui em tecer reflexões e considerações gerais relativas a uma experiência e a algumas das muitas transformações que ocorreram por ocasião da realização do Projeto em dois dos municípios do Rio Grande do Norte (Canguaretama e Vila Flôr), do qual participaram, além do governo federal, as secretarias municipais, e esta professora, como Coordenadora Pedagógica Setorial, e representante da Universidade do Vale do Paraíba - Univap, da cidade de São José dos Campos, do Estado de São Paulo.

### Conclusão

O sucesso de um Projeto de Educação de Jovens e Adultos depende do somatório de forças, da conjunção de objetivos, de metodologias eficientes, e, principalmente, da crença na transformação de realidades.

Dessa forma, a educação de jovens e adultos não se configura em problemas de alguns, mas sim em conquistas de todos, visto que a consecução de seus objetivos promove mudanças significativas na realidade daqueles que, por motivos diversos, foram-lhes songadas a construção de conhecimentos, as opções de projetos de vidas a serem trilhadas, as luzes do saber que, quiçá, tornar-lhes-iam outras pessoas, que trilhariam outros caminhos, em outras realidades.

Mensalmente, ao chegar aos municípios de Vila Flor e de Canguaretama, sentia-me contagiada pelo sorriso e pelo brilho que haviam se instalado nos olhos daqueles Jovens e Adultos que estavam se alfabetizando, e que, agora, sentiam-se lembrados e, por isso, apresentavam-se prontos para novas empreitadas, em busca da construção de seus conhecimentos, de seus novos projetos, de sua nova vida, e há de se destacar, contando com alfabetizadores de suas localidades - como mediadores -, no processo de aquisição de seus novos saberes. A principal motivação dos jovens e adultos que ingressam em cursos de alfabetização é, segundo seus depoimentos, "aprender a ler e a escrever", "conseguir um emprego melhor", "ter autoconfiança", "ter auto-estima", "entender melhor as coisas", "falar bem", "ser gente" e "aprender a trabalhar coletivamente". Como Coordenadora Pedagógica Setorial, pude constatar que, em âmbito nacional, as diferenças culturais entre coordenadores, alfabetizadores e alfabetizados acabaram encontrando semelhanças incríveis que

contribuíram de maneira significativa para a construção social, política, ideológica e cultural da sociedade brasileira.

Nas capacitações realizadas mensalmente, sempre procurei conscientizar os professores alfabetizadores sobre a importância de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos, criando condições que permitam aos jovens e adultos terem acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. Sendo assim, é função do professor alfabetizador instrumentalizar o alfabetizando para uma atuação crítica e produtiva no processo de transformação e construção de uma sociedade justa, humanitária e igualitária.

### Referências

- BERNARDES, A. C. *Versos x Versos*. Taubaté/SP: Editora e Livraria Universitária – Cabral, 2005.
- BRASIL, *Secretaria de Educação de Ensino Fundamental: Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HAIDT, Regina Célia Cazause. *Curso de Didática Geral*. São Paulo, Ática, 1994.
- MOUGNIOTTE, A. *Eduquer à la démocratie*. Paris: Du Cerf, 1994.
- ONU/DAKAR/SENEGAL. *Declaração da Cúpula Mundial de Educação*. Artigo 6º. Textos Integrais na Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo – USP, 2000.
- TEIXEIRA, A. *Autonomia para a educação (1947)*. In: Rocha, I. A. L. *Anísio em movimento*. Salvador: Fundação Anísio Teixeira, 1992.